

# A PELEJA DA ÉTICA ANARQUISTA NA POLÍTICA DO COTIDIANO

UM OLHAR AOS INFINITAMENTE PEQUENOS DE PIOTR KROPOTKIN

Conheci o anarquismo não através de companheirxs, mas por um pequeno trecho de um livro de História do segundo grau da minha irmã mais velha, que dizia que os anarquistas eram socialistas utópicos, sem propostas bem fundamentadas e que, muitas vezes, faziam jus à alcunha de bagunceiros. Dizia de forma rasa que os anarquistas queriam fundar uma sociedade livre e solidária através da derrubada do Estado, mas que não tinham ou não tiveram importância histórica alguma. Eu tinha apenas 13 anos, mas apesar da pouca idade, consegui perceber que após ler trinta páginas caprichosamente escritas sobre o que seria o marxismo, meia página elaborada de forma tão chula sobre o anarquismo só poderia carregar implicitamente alguma coisa de tão baixa que ainda não conseguia compreender muito bem. Neste trecho sobre o anarquismo, eram citados de forma desdenhada dois anarquistas: Bakunin e Kropotkin, nomes que guardei com curiosidade. Esta disparidade de tratamentos entre marxismo e anarquismo me fez crer que aquele livro de História me escondia algo. Questionei professores, inclusive um professor de História que com suas aulas verborrágicas, suas barbichas de Marco Polo e suas bolsas de couro a tira colo, pagava uma de esquerdista revolucionário. Recebi uma resposta sobre o anarquismo à altura do texto chulo do livro didático. Perdi o prazer pela leitura do livro e pelas aulas de História e após quase um ano de procuras, encontrei no Sebo Brandão, no Centro Histórico de Salvador, um livro caindo aos pedaços chamado “A Conquista do Pão”, do pensador russo Piotr Kropotkin. O livro tinha as páginas amareladas, já não tinha mais capa e quando eu passava as suas páginas, elas se dissolviam nas pontas ao mínimo manuseio de minhas mãos. Foi amor à primeira lida. E enquanto não conseguia mais parar de ler Kropotkin todos os dias, o professor de História dava um golpe nxs colegas durante a greve para virar coordenador pedagógico da escola.

Minha cabeça, aos 15 anos de idade, estava atordoada. Cada doce e poética frase de Kropotkin era como um soco no estômago e uma fagulha de esperança. Ler

Kropotkin me trazia um misto de amor e náuseas: *“Mas que direito tinha eu a gozar de uma ordem elevada, quando tudo que me rodeava não era mais que miséria e luta por uma triste porção de pão, quando por pouco que fosse o que eu gastasse para viver naquele mundo de agradáveis emoções, havia por necessidade de arrancá-lo da mesma boca dos que cultivavam o trigo e não tinham suficiente pão para seus filhos?”*. Lia, relia e reescrevia tudo que encontrava de Kropotkin, que trouxe contribuições tão valiosas e atuais sobre geografia, botânica, ecologia, evolução, ajuda mútua, o papel histórico do Estado, as prisões, a formação e a produção do espaço nas cidades e no campo, sobre a rotina de operários e camponeses, sobre os absurdos da Revolução Russa, sobre a filosofia do anarquismo... E o livro que me marcou para sempre foi *“A Conquista do Pão”*, pois foi o propulsor de uma importante mudança na minha vida.

Até que um dia li algo de Kropotkin que falava sobre os *“infinitamente pequenos”*, que o anarquismo deveria ser pensado e praticado desde ou até se chegar aos infinitamente pequenos, que seriam os indivíduos. Outrxs anarquistas já haviam falado sobre isto, mas Kropotkin deu elevada relevância ao assunto. Confesso que não dei tanta importância. *Mas que viagem louca desse Kropotkin* - pensei eu! E as coisas infinitamente grandes? E o Estado? E o capitalismo liberal? E o capitalismo de Estado? E o monopólio das Igrejas? O neoliberalismo, as grandes guerras, o desastre de Chernobyl, o genocídio das comunidades originárias, a luta de classes... Olhar de forma tão rigorosa para o infinitamente pequeno me parecia chamado perigoso, que poderia resultar numa perda de foco! Então disse a mim mesmo: *Kropotkin, suas obras mudaram a minha vida, mas você anda muito esotérico e quântico ultimamente, com essa paranoia de infinitamente pequenos! Hasta La vista, Piotr!* E então parti para a leitura de outros anarquistas como Proudhon, Reclus, Bakunin, Emma Goldman, Rudolf Rocker, Chomsky, dentre outros. Infelizmente, as obras dxs anarquistas brasileirxs mal chegavam por aqui em Salvador, com exceção dos textos de Maria Lacerda de Moura. Li as boas análises de Marx sobre o capital (apesar de o manifesto comunista ser uma piada de muito mau gosto) e também os seus seguidores mais modernos, li as filosofias de boteco de Hobbes e Locke, li até bula de remédio para saber que medicamento prescrever para alguns tipos de anarquistas que só pensavam na derrubada do Estado e que entrariam em profunda depressão se o Estado desaparecesse.

Fui destrinchando cirurgicamente tudo que era infinitamente grande, tentando entender como estas grandes quimeras foram formadas, como funcionavam, o que as

sustentava e as filosofias que as justificavam. Mas os anos foram se passando e eu ia percebendo que por mais que compreendesse um pouco mais sobre tudo isto dos infinitamente grandes, não conseguia me olhar no espelho e dizer de consciência tranquila que havia adotado, de fato, um *ethos* anarquista, seja lá o que isso quisesse dizer. Sentia que o que tinha aprimorado de conhecimento sobre as grandes estruturas, não tinha sido acompanhado pela minha evolução pessoal enquanto anarquista. Percebia que minhas relações interpessoais eram autoritárias, que minhas experiências passadas, meus problemas familiares e minhas fraquezas me faziam inconscientemente manipular as pessoas para que elas ficassem ao meu lado, tinha ciúmes, muita vaidade, carregava cargas de machismo, racismo, homofobia, capacitismo, reproduzia comportamentos autoritários dos meus pais ou professores sem sequer perceber, tinha traços pesados da minha educação infantil cristã de querer carregar a culpa por qualquer coisa, de não me importar de me privar do prazer, de sofrer hoje para ser feliz num suposto amanhã que nunca chegava... Lógico, ainda carrego muito de tudo isso. A luta é extirpar estes valores a cada dia, mas quanto mais me conheço, mais percebo o quanto estou longe do fim. E à medida que eu me organizava com outrxs anarquistas, via que todxs estávamos no mesmo barco. *Claro!* – pensei - *somos um bando de pessoas, paridas por uma cultura cheia de autoritarismos, querendo construir um novo ethos, deixar uma nova moral anarquista.* Inevitável carregar estas contradições entre o que se é e o que se pretende ser, estas contradições de ter um pé enraizado na substância daquilo que se quer destruir e outro pé tateando o novo mundo que se pretende criar! E é nesta tensão que reside a mais sutil e perigosa armadilha que tem assolado muitxs anarquistas.

Praticar na política do cotidiano – usando-me do termo de Roberto Freire e Fausto Brito – um *ethos* que comporte os princípios anarquistas é estar sempre vigilante às expressões da nossa inevitável educação autoritária. E então nos deparamos com um aparente paradoxo: os anarquistas devem lutar contra os próprios anarquistas. Sim, devem! Devemos auxiliar solidariamente todxs xs companheirxs a identificar seus traços autoritários, demonstrando de forma colaborativa e libertária formas de suprimir tais comportamentos e extinguir os privilégios a eles associados. Devemos abrir espaços dentro das organizações para se conversar livremente sobre isto, sobre as relações interpessoais, sobre as relações amorosas, sobre a família, as relações de trabalho, a assunção das tarefas assumidas na organização, o comprometimento com o coletivo, o cuidado com xs companheirxs e o cuidado consigo mesmx. Tudo bem, identificar isto

no outro parece ser fácil, pois quando os outros expressam suas doses de violência, somos nós quem sofremo-las na lida cotidiana. Mas e quando somos nós os apontados?

Inevitavelmente, ser apontado nos traz a uma atmosfera de julgamento (não estou falando de tribunais, apesar de certos grupos fazerem os seus tribunais ritualísticos), que invariavelmente nos remeterá a qualquer tipo de consequência, desde as mais leves, como pequenas indisposições em nossas relações dentro de um grupo, ou até as mais graves, como o banimento ou um racha, por exemplo. E é então que os anarquistas, compreensivelmente com um pé no que se quer destruir e outro no que se quer criar, se veem numa terrível encruzilhada: a de ser interpelado! E é então que, ao ser interpelado, sentimos a necessidade de contarmos a história de nós mesmos, história muito mais erigida sobre solo autoritário que sobre relações e experiências livres e solidárias.

Nos moldes violentos e punitivos da sociedade atual, contar história de si nunca é fácil, pois os tribunais espreitam por todas as partes, em todas as pessoas e em todos os olhares. Por isto, sugiro sempre que seja um dever de qualquer coletivo anarquista promover um ambiente de diálogo franco, onde a preocupação com o que se é discutido e a preocupação com o crescimento do coletivo e seus componentes sejam muito maiores do que a vontade de defender as vaidades pessoais ou do que o medo de exercer a própria autonomia se dispondo honestamente ao debate. Não se pode apenas responsabilizar um companheiro ou uma companheira de não assumir os próprios autoritarismos e erros quando os olhares de todos do próprio coletivo são inquisidores, e não acolhedores. Promover esta atmosfera de fala franca e de acolhimento é também construir uma moral pautada numa prática pedagógica libertária, é praticar a anarquia na política do cotidiano. No entanto, não podemos confundir jamais acolhimento com aceitação ou resignação.

Os mais “perigosos anarquistas”, ao serem interpelados, são os primeiros a fugirem da sociedade que dizem almejar. Fogem da fala franca dentro do coletivo, se furtam da prática libertária, se omitem da anarquia, assim como os padres fugiam de Bakunin. A prática comum ou é envolverem o coletivo num clima tenso, porém velado, de discórdia, ou formarem pequenos sub-grupos cooptados para fortalecerem discursos retóricos dentro do coletivo, que mais beiram a disputa covarde de egos do que a um

diálogo franco e honesto. São estes a quem chamo de pastores. Se há pastores, há ovelhas!

Outros, cegos por não assumirem suas próprias raízes autoritárias, parecem viver e enxergar-se nas projeções de sua mítica revolução anarquista. E é aí que ressuscito os *infinitamente pequenos* de Kropotkin, que hoje me fazem bastante sentido. Estes esquecem as relações libertárias interpessoais, estes infinitamente pequenos laços libertários, esta liga solidária que permanece entre companheiros e companheiras, estes cuidados coletivos e calorosos, pois estão demasiadamente preocupados com destruir as estruturas infinitamente grandes, que acabam por equivocadamente totalizar as suas lutas, por mais que legítimas, pensando que estas conseguem captar também tudo que é *infinitamente pequeno*. Já ouvi milhares de vezes companheiros assumirem, por exemplo, que não são machistas porque lutam contra a opressão do Estado, porque possuem consciência de classe, lutam no sindicato, porque fazem ativismo de bairro, mesmo que dentro das paredes de seus lares monopolizem emocionalmente as suas companheiras sem nem se darem conta disto (já fui um desses, e espero jamais ser novamente). Utilizam-se da luta contra as grandes estruturas como uma fantasia para travestir de libertárias e esconder as desgraças feitas em seus cotidianos, para justificar o descompromisso, o descuido consigo e com os outros, seus vícios pequeno-burgueses e ainda purpurinar-se de créditos por se sentirem os grandes revolucionários anarquistas ou os grandes intelectuais libertários. A estes vaidosos costumo chamar de anarcisistas!

Os anarcisistas costumam depreciar os “infinitamente pequenos” de uma forma ainda mais perversa. Ouvi, certa feita, com muita tristeza, que um tal coletivo não teria muito futuro, pois na luta anarquista contra os “infinitamente grandes” é necessária extrema organização; e como havia muita amizade entre os integrantes do coletivo, as coisas certamente não dariam certo. Foi um explícito pedido de “vivamos sem amizade, pois só assim conseguiremos ser organizados o suficiente para promover a luta anarquista!”. Estes se valem de qualquer absurdo para justificarem suas próprias desorganizações, inclusive negando os próprios princípios anarquistas, o da ajuda mútua e da solidariedade. O que seria a amizade se não a expressão máxima dos vínculos de solidariedade, do próprio amor conceituado por Malatesta? Surpreende-me muito quando estes mesmos anti-amizade enaltecem de forma “gourmetizada” e poética a beleza dos vínculos comunitários e de amizade nas populações tradicionais, no povo curdo, nos indígenas e quilombolas do Brasil, nos Mapuces ou Zapatistas; mas são

incapazes de valorizar estes mesmos sentimentos entre seus próprios pares. Não me surpreende que são estes mesmos anarcistas que não conseguem estabelecer vínculos profundos de amizade nos coletivos e acabam pautando suas relações na base do pavoneamento e da vaidade, ou pior, na aglutinação de indivíduos pela motivação do julgar e depreciar, pois, para estes, estabelecer vínculos afetivos é ver-se no espelho do outro, que geralmente é muito mais sincero, cru, duro, real e menos passivo que o nosso.

Precisamos também nos lançar à experiência e ao engrandecimento de assumirmos nossas bases históricas autoritárias, ouvir atentamente quando formos interpelados, mesmo que isto nos desça amargo como um café-preto, pelando e sem açúcar. A reflexão também deve ser franca e libertária, para que a admissão do autoritarismo ou então a defesa de si mesmo sejam honestas e pautadas numa ótica anarquista. Ao sermos interpelados, ou seja, ao sermos requisitados a relatarmos a nossa história, devemos ter minuciosa cautela para expormos-nos tal como somos, e não reconfigurarmo-nos ficticiamente para escondermos nossas fraquezas segundo a conveniência do contexto. Demonstrar nossas fraquezas aos companheiros e companheiras anarquistas não é escancarar o nosso peito ao fuzilamento (se o coletivo anarquista não for um tribunal ou um pelotão de fuzilamento); é abrir uma janela de oportunidade para o apoio mútuo, para aprofundarmos nossos vínculos de solidariedade e liberdade, para a compreensão do coletivo sobre as limitações de cada um, para vivenciarmos em cada passo do nosso caminhar, aqui e agora, a sociedade que, como disse Durruti, trazemos em nossos corações.

Por ora, são estas as minhas reflexões transitórias sobre a moral anarquista e a política do cotidiano, que são fruto da colaboração de queridos e queridas amigas anarquistas sempre dispostxs a aprimorar o entendimento sobre o tema. Espero que o texto ao menos suscite um franco debate, para que evoluamos cada vez mais na luta libertária. Lanço-me então inexperiente nesta lida.

Que não percamos de vista os infinitamente grandes em nossas batalhas, mas que os infinitamente pequenos estejam sempre pautados em nossas políticas cotidianas.

**Esponja**